



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Seminário “Brasil nos Trilhos”

Blue Tree Park – Brasília-DF, 07 de junho de 2006

Quero cumprimentar o ministro Paulo Sérgio Passos, ministro dos Transportes,

Cumprimentar Mauro Dias, presidente da Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários,

Cumprimentar o presidente do BNDES, Demian Fiocca

Cumprimentar Júlio Fontana, presidente da MRS

Cumprimentar Benone Shimitz, presidente da Ferropar

Cumprimentar o Bernardo Hees, presidente da América Latina Logística,

Cumprimentar o Elias Negri, diretor da Brasil Ferrovias,

Cumprimentar Ângelo Batista, presidente da Companhia Ferroviária do Nordeste,

Cumprimentar o Rodrigo Villaça, diretor da Agência Nacional de Transporte Terrestre,

Cumprimentar o companheiro Guilherme, aqui, da Funcef,

Cumprimentar os trabalhadores que, merecidamente, ganharam estes prêmios, não sei se em dinheiro ou ganharam o mesmo troféu que eu ganhei.

Quero dizer para vocês que eu, ontem, quando o Paulo Sérgio me disse desse encontro, eu disse a ele que não tinha recebido, não tinha sido informado, que era para colocar na agenda, porque se eu soubesse eu teria assumido o compromisso de vir desde o começo, porque já faz algum tempo que nós tomamos a decisão de recuperar as ferrovias brasileiras. Aliás, muitos de vocês participaram, em 2003, quando nós lançamos o Programa de Revitalização das Ferrovias Brasileiras, muitos ainda um pouco céticos com



relação à possibilidade de aquilo acontecer ou não, e nada como um dia atrás do outro para a gente provar que aconteceu. E aconteceu com muita dificuldade. Aconteceu com muita dificuldade porque nós tínhamos problemas políticos – não temos problemas de compreensão das próprias empresas –, nós tínhamos problemas de compreensão da própria agência, nós tínhamos problema de falta de hábito de usar trens neste país.

O que nós estamos percebendo agora, eu não vou citar números aqui, porque já falou o Paulo Sérgio, já falou a Funcef, já devem ter falado outros dirigentes, quando os números são bons, todo mundo decora e fala com facilidade, quando não são... Tem uma pessoa que ainda disse: “o que é bom eu mostro, o que é ruim eu escondo.”

O dado é concreto é que nós estamos vivendo um momento, eu diria, se não auspicioso, muito bom na ferrovia brasileira, e com perspectiva de fazermos coisas ainda muito melhor. Vocês acabaram de ouvir o Presidente do BNDES, ele disse aqui, e se não disse, pensou, que dinheiro não é problema, portanto, o BNDES está disposto a arcar com os seus compromissos e com as suas responsabilidades para financiar. Para isso o projeto precisa ser exeqüível, um projeto que tenha substância e bases econômicos. Eu estou dizendo isso porque na Transnordestina, nós levamos praticamente dois anos e meio, quase três anos para construir a engenharia financeira e poder anunciá-la ontem. E vocês sabem que em política é assim mesmo, tem gente que não gostou que nós anunciamos ontem, porque tem gente que gostaria que não acontecesse. Isso é que nem futebol, eu cito sempre futebol porque todo mundo conhece futebol, sobretudo agora que a Seleção é unanimidade. Mas no futebol você está sempre torcendo para o seu adversário tomar um gol, nunca para marcar, na política também é assim. E nós estamos fazendo aquilo que está ao nosso alcance.

Olhe, se dependesse do governo, tem o famoso gargalo em Belo Horizonte, um problema que discutíamos há mais de seis meses, uma dívida



da Vale do Rio Doce com o governo, em que a Vale do Rio Doce assumiu o compromisso de fazer, depois a orientação jurídica que não podia ser feito assim, e não foi feito. O dado concreto é que uma coisa que poderia estar resolvida não foi feita.

Vocês sabem que eu fui um crítico da Ferrovia Norte-Sul, aliás, fiz questão de fazer uma autocrítica no dia em que nós fomos inaugurar um trecho da Ferrovia. E, hoje, nós vamos terminar o mandato fazendo, em quatro anos, mais que tudo o que foi feito nos outros anos, porque nós tomamos uma decisão política de que vamos levar a Ferrovia pelo menos até Palmas nos próximos anos. Tendo o dinheiro, tendo a decisão política, tendo os empresários que querem tocar o negócio, tendo os empresários que querem construir e tendo os trabalhadores precisando de emprego para trabalhar, o que falta? Absolutamente nada.

Nós estamos tentando resolver todos os gargalos que temos, que são muitos, trechos pequenos mas que implicam em prejuízos, não permitem que as empresas possam ter a rentabilidade que deveriam ter porque, por exemplo, lá em São Félix, na Bahia, nós temos quanto? Nós temos seis manobras que demoram praticamente nove horas e que inviabilizam praticamente uma cidade, não é isso, Alexandre? Praticamente a cidade. Bem, fazer tudo isso parece simples, a gente decidir e começar a fazer. Mas entre uma decisão de fazer, aprovar tudo, conseguir licenciamento prévio, fazer as coisas funcionarem, leva tempo.

O dado concreto, objetivo, é que eu, particularmente, estou feliz com o setor. Eu fui, no começo de 2004, reinaugurar a Cobrasma, a Cobrasma, tantas lembranças do passado, fechada. O Ivoncy lochpe não está aqui não? O Ivoncy lochpe, depois de tanto reclamar, depois de tanto lamentar, nós fomos a uma fábrica em que ele participa da administração, ver a alegria daqueles trabalhadores que tinham sido mandados embora em 68 voltar a trabalhar e produzir vagão, e ver o número de vagões que nós estamos produzindo. Eu



quero ver o mesmo número de locomotivas, porque não tem sentido o Brasil não produzir as locomotivas aqui. Quando a gente não tinha uma decisão política de ter um sistema ferroviário forte, não tinha a decisão de ter uma fábrica de locomotivas.

Eu trabalhava na Villares ainda, em 1972, quando a Villares resolveu ir montar uma fábrica em Araraquara para produzir locomotiva. Me parece que a experiência não deu em nada, porque não se produziu locomotiva, não se comprou locomotiva, não se fez ferrovia, pelo contrário, entramos numa era de desativar as poucas que tinham. E, de vez em quando, quando vou em Araraquara, eu visito uma fábrica de locomotivas, parece-me que uma parceria da Villares com a GE que não deu certo. Agora me parece que está sendo construída pela própria GE, em Sumaré, pelo menos foi o compromisso que a Direção da GE assumiu comigo, de voltar a produzir locomotivas, tentar acreditar que é verdadeira a retomada da construção das nossas ferrovias.

E, mais importante ainda, é fazer um compromisso de que essas ferrovias podem ser para cargas, para facilitar e baratear o custo-Brasil, aumentar a rentabilidade de quem produz, mas também fazer uma combinação entre carga e passageiro porque, se nós quisermos que cresça outro tipo de indústria, como a do turismo, por exemplo... eu fiquei imaginando ontem, no lançamento da Transnordestina, com alguns trens de passageiros o que não pode se fazer funcionar aquele pedaço de chão do Brasil.

Portanto, meus amigos e minhas amigas, eu não posso repetir o que já foi dito. Só posso dizer para vocês que não tem volta, ou seja, a demora que nós tínhamos acabou. Eu me lembro que quando nós fizemos a primeira viagem de trem, lá no Mato Grosso, nós viajamos uns 100 quilômetros, naquele tempo nós tínhamos um problema de um gargalo ali, na Serra de Santos, um trecho pequeno, e estavam uns dois empresários no vagão, nós sentamos, conversamos, eu achei que tinha acertado. Dois anos depois eu percebi que não tinha acontecido nada, porque os empresários também não se entendiam.



Agora eu penso que há uma certa harmonia no setor. Eu acho que há gente querendo investir, todo mundo está convencido de que foi um erro estratégico do país abandonar o sistema ferroviário, todo mundo hoje está convencido de que nós precisamos recuperar não apenas os leitos que nós tínhamos, que ainda são economicamente viáveis, mas construir aqueles que faltam.

E aí o meu desafio para vocês é o seguinte: apresentar um projeto. Fazer projeto de viabilidade porque não basta... teve pessoas que participaram do processo de privatização, ficaram com a ferrovia na mão e ficaram com um monte de dormentes apodrecidos na época, trilhos enferrujados, sem ter investimento, sem ter parceria. Vou contar um caso aqui para vocês: quando nós fomos a Campinas lançar a retomada da Brasil Ferrovias, com investimento anunciado de 2 bilhões de reais, eu tinha ligado para o Guilherme, e falei: "Guilherme, eu quero saber se a Funcef vai ou não vai colocar dinheiro na Brasil Ferrovias. Vocês são participantes". "É, mas a empresa não está dando lucro porque nós já colocamos tanto..." Eu falei "se você quer recuperar o que você investiu, essa empresa tem que dar lucro, rapaz, então você tem que colocar um pouco mais porque senão vai ficar com prejuízo".

E hoje nós estamos convencidos disso. O ministro dos Transportes está convencido disso, o BNDES está convencido disso, o ministro da Fazenda está convencido disso, o presidente da República está convencido disso. Se vocês estiverem convencidos disso, ninguém segura as ferrovias brasileiras. Um país da extensão territorial do Brasil, fazer um caminhão transitar neste país por 3 mil e 500 quilômetros, para levar uma carga, é, no mínimo, uma vergonha. No mundo moderno, um caminhão pode andar 400 quilômetros, 300 quilômetros, já está de bom tamanho. Agora, quem tem que andar muito porque é mais barato, mais econômico, mais puro, menos poluente, é trem e navio. É trem e, quem sabe, barçaça, que é um outro problema complicadíssimo, fácil de falar e difícil de fazer, porque quando você tenta fazer, se depara com o meio



ambiente que, nem sempre... e não é culpa do Ministério do Meio Ambiente ou culpa do Ibama, é culpa da legislação que é aprovada no Congresso Nacional, porque na hora de aprovar as leis, a gente aprova leis mais modernas do que as leis de Basileia, e na hora de executar, nós nos deparamos com o complemento daquela lei porque também, muitas vezes, vocês e nós, do governo, achamos que a culpa é do ministro tal, é do Ibama tal, estadual, e não é. Esses funcionários que fazem o licenciamento prévio, muitas vezes estão com uma espada na cabeça. Se eles derem um licenciamento prévio e alguém entrar com um processo contra eles, vão ter seus bens disponibilizados e aí não liberam.

Nós criamos uma coisa chamada transversalidade, que permite que a gente coloque todos os ministros envolvidos na mesa, para que todos sejam cúmplices das boas idéias e não façam projeto em um Ministério, depois de seis meses façam esse projeto em outro Ministério, depois de oito meses vá para o Ibama, depois... Nós temos casos no Brasil de hidrelétrica que, depois que estava quase pronta, foram pedir o licenciamento prévio, e aí quando não dá, falam “estão atrapalhando”. Não estão atrapalhando, é que é preciso cumprir a lei. Este país tem normas, tem regras que nós mesmos estabelecemos.

Então, se a gente fizer as coisas direitinho, a gente pode, em pouco tempo, recuperar o que nós não fizemos em 15 ou em 20 anos. Primeiro, porque o setor da produção acredita nisso. Segundo, porque vocês, acreditando nisso, e o governo acreditando nisso, quem pode impedir que a coisa ande? Ninguém, ninguém pode impedir.

Então, Paulo Sérgio, eu não vou dizer que a bola está com você porque você pode perder o pênalti. Eu vou dizer para você o seguinte: você não meça nenhum sacrifício, o Demian não meça nenhum sacrifício para que a gente possa fazer apenas o que tem que ser feito no país. Apenas isso. Nós não temos que inventar a roda, não temos que inventar o trem, não temos que



inventar a locomotiva, é fazer apenas o que o país precisa para dar o salto de qualidade.

Nós, hoje, para desgraça de alguns e para felicidade de outros, não somos mais aquele paisinho que, de vez em quando, decidia exportar e exportava 30 bilhões. Aí, no ano seguinte, decidia que não podia exportar, que ia fazer para o mercado interno e acabava com as exportações. Nós, hoje, somos um país de economia sólida, nós não estamos mais naquele tempo em que o Banco Central tinha que vender dólar para poder baratear o dólar. Hoje as pessoas querem que a gente compre para encarecer o dólar, por uma razão muito simples: o país cresceu, nós temos reservas como jamais tivemos na nossa história, e tem apenas quatro países no mundo que têm mais reservas do que nós. E vamos fazer mais, na medida em que vão crescendo as nossas exportações, vamos fazer muito mais. E quanto mais crescerem as exportações, que não são apenas de soja ou de minério de ferro, graças a Deus nós estamos diversificando as nossas exportações ao monte, os produtos manufaturados já estamos exportando muito. Então, se o país decidiu crescer, se o país decidiu combinar crescimento interno com exportação, não vai ter mais aquela bobagem de oscilação: dois anos exporta, dois anos importa, dois anos exporta. O ideal é a gente exportar o máximo possível e importar o máximo possível.

Eu tenho dito para muitos empresários que me procuram: “Puxa, Presidente, o dólar precisava subir um pouquinho”, porque na minha sala é assim, aquilo parece uma sacristia, entra um que está exportando e quer que o dólar suba, entra um que está comprando e quer que o dólar baixe, sabe, é assim, e eu tenho que ter resposta para tudo. O que que eu tenho dito? Apenas a seriedade vai permitir que o dólar encontre o seu equilíbrio, não tem mágica, porque todos que querem que o dólar suba ou todos que querem que o dólar desça querem o câmbio flutuante. E se querem o câmbio flutuante, é preciso que a gente tenha certeza da seguinte combinação: o que vai permitir que o



dólar encontre o seu equilíbrio, no momento certo, é uma combinação de redução das taxas de juros, que está acontecendo, é uma redução de aumento das importações, sobretudo de máquinas e equipamentos para modernizar a nossa indústria. Com o aumento das importações, com a redução de juros, automaticamente vai ter menos dólar no mercado e o dólar pode chegar ao patamar que ele precisa chegar, que ninguém ouse dizer qual é, porque ninguém tem coragem de dizer: é 1,30, é 1,10, é 2,50, ninguém tem. É aquele que for justo para que as pessoas continuem produzindo, vendendo e sobrevivendo.

Então, se a economia está sólida, e posso dizer para vocês – eu sei, certamente, que aqui no meio deve ter alguns economistas ou alguns empresários que foram economistas antes de serem empresários – que vocês sabem que, em nenhum momento da história deste país, não estou escolhendo governo nem fazendo comparação, em nenhum momento da história econômica deste país nós tivemos tantos fatores combinando entre si para dar solidez à economia brasileira. Nunca, nós nunca tivemos tanta solidez. É uma quantidade de coisas extraordinárias, de forma positiva para o país. A imagem do Brasil lá fora melhorou, nós valorizamos a nossa relação com a América do Sul e aumentaram substancialmente as nossas exportações. Hoje as nossas exportações para a América Latina são maiores do que para a Europa, ou seja, nós queremos crescer mais para a Europa, mas nós temos muito mais gente aqui, próximo de nós, querendo comprar. Nós ainda não fizemos a ferrovia para interligar ao Pacífico, a que tem está toda desmontada, nós precisamos fazer essas coisas acontecerem. Nós ainda não esgotamos o nosso potencial de relação com os países que fazem fronteira com o Brasil.

Então, nós temos um potencial extraordinário. Acabou aquele tempo em que a gente tinha que ficar recebendo a delegação do FMI aqui, em que desciam pessoas no aeroporto, a televisão filmava, uma mulher e um homem que vinham para cá, para sentar com os nossos ministros, para dizer o que



eles tinham que fazer. Hoje não precisa mais. Não devemos ao FMI, não devemos ao Clube de Paris, pagamos os títulos da moratória, ainda do governo Sarney. Portanto, hoje nós somos um povo, como diria uma gíria nordestina, nós somos donos da carne seca. Não dependemos mais de outros. Eu tenho dito ao BNDES: quando um empresário precisar fazer um investimento, nós temos que facilitar porque um dia eu perguntei, no BNDES – já faz tempo, demorou muito, não é, Demian? – “escutem aqui, entre eu fazer um pedido de empréstimo e esse empréstimo sair, quanto tempo demora?” Me disseram assim: o tempo médio é de 275 dias. Aí não há dinheiro que seja emprestado, porque tem que passar por um cara, passa por outro, volta para o outro. Parece o time do Corinthians jogando, está sempre indo para trás agora. Olha que eu já falei muito bem do Corinthians, mas agora está em um processo meio ruim.

Então, o BNDES precisa agilizar. Quando o projeto for de interesse estratégico para o país, é preciso vencer barreiras. Tem que vencer barreiras do BNDES, tem que vencer barreiras a Agência Nacional, tem que vencer barreiras o Meio Ambiente, por que senão como é que o país vai para frente, se a gente vai perdendo tempo? Um tempo desses, um empresário chegou assim para mim e falou “Presidente, eu estou com uma hidrelétrica para construir há 14 anos. Eu vim aqui – falou o nome dos governos, que eu não vou citar – falei com beltrano, disse que ia sair, falei com cicrano, disse que ia sair”. Eu falei: o senhor não percebeu que alguém que demora 14 anos lhe enganando, sabe que essa hidrelétrica não vai sair? Era mais fácil dizer não vai sair. Vamos procurar outro rio, outro espaço e vamos fazer outra hidrelétrica. Porque senão fica brincando, anunciando as coisas e não acontecem.

Quero dizer para vocês que eu era cético com relação ao Plano de Revitalização das Ferrovias. Vocês estão lembrando que eu nem fiz discurso naquele dia, quem estava lá percebeu que eu não fiz discurso. Nós agora estamos colhendo frutos, as primeiras uvazinhas da nossa parreira, podemos



colher muito mais depressa. Eu só quero que vocês saibam: a intenção do governo é total e absoluta, a intenção do BNDES é total e absoluta. Agora que o BNDES está com mania de baixar juros, então, vai facilitar muito as coisas para quem fizer investimento.

No mais, eu quero agradecer a todos vocês que estão acreditando nessa nova velha mania de transporte, que é a ferrovia. Quero agradecer a vocês que estão fazendo os investimentos, porque não foram poucos os investimentos feitos também nos últimos três anos, foram alguns bilhões de reais, por volta de 5 bilhões só do setor privado, o que demonstra, claramente, a confiança de vocês. E eu acho que nós temos tudo para daqui... eu trabalho com o horizonte de 15, 20 anos porque eu acho que esse é o tempo correto para você pensar um país. Eu acho que nesses próximos 15 ou 20 anos, quaisquer que sejam os governos que vierem depois, se eles tiverem seriedade no trato da infra-estrutura, certamente nós seremos um país que terá, finalmente, concluído aquela frase que todo político usa em época de campanha “um sistema intermodal de transporte”. Sabem que todo candidato é obrigado a decorar essa frase porque os entendidos de transporte falam, os empresários cobram, então todo mundo fala “não, vamos construir o nosso sistema intermodal de transporte”. Eu acho que é muito bonito falar, difícil de fazer mas, de qualquer forma, se a gente trabalhar com o horizonte de 15 ou 20 anos, a gente vai poder concluir, finalmente, o tão sonhado sistema intermodal de transporte, sem que os caminhoneiros façam uma greve, pensando que nós estamos querendo tirar a função de transporte dele.

Portanto, meus parabéns a vocês, é com orgulho que eu participo, eu fiquei muito orgulhoso quando fui à Ferrovia Norte-Sul prestar uma homenagem, inclusive ao presidente Sarney, porque foi vítima de muitos discursos meus, contrários, viu, Juquinha? Não, quem fazia discurso contra ele era eu, Nelson Jobim, nós fazíamos discursos de que ele estava ligando nada a nada, para vocês perceberem que todo mundo erra também, não é só o



Corinthians que erra, todo mundo comete erros. O que é importante é quando a gente cometer erros, a gente ter humildade de fazer autocrítica e falar errei, o caminho não é este, eu vou por aquele. Duro é persistir no erro. E eu acho que este país errou quando resolveu desacreditar nas ferrovias. Não foram poucos os trilhos que foram desativados neste país. Nós chegamos a um momento – o Juquinha sabe – em que a gente não tinha nem dormente mais, em que este país não produzia mais trilhos, ninguém acreditaria, no mundo, se a gente fizesse isso.

Então, meus parabéns a vocês, meus parabéns aos trabalhadores, porque me parece que os trabalhadores agora estão... se você me der o chapéu, com muito prazer... Só espero que, depois deste chapéu, não venha a pauta de reivindicação para mim.

Gente, olha, muito obrigado. Saibam de uma coisa: não vacilem nessa questão da ferrovia. Eu digo sempre o seguinte: nós perdemos o século XIX, nós perdemos oportunidades enormes no século XX. Os que têm cabelos brancos aqui, como eu, sabem quantas vezes este país esteve à beira de virar um país desenvolvido, mas aí alguém inventava uma mágica e o país mergulhava outra vez numa crise.

Então, eu queria pedir para vocês: não vamos permitir que este país jogue fora o século XXI. Se o século XIX foi da Europa, o XX foi dos Estados Unidos, por que nós vamos deixar o século XXI ser da China e não vamos dividir com eles o bolo do crescimento e da riqueza do nosso país?

Portanto, eu acho que não é apenas o Presidente que está nos trilhos, eu acho que todos nós precisamos entrar nos trilhos para ganhar a Copa do Mundo e ganhar a ferrovia, no Brasil.

Obrigado.